

A FINITUDE EM BOJACK HORSEMAN: UM IMPASSE ENTRE O NIILISMO E A LUCIDEZ TRÁGICA

FINITUDE IN BOJACK HORSEMAN: A STALEMATE BETWEEN NIHILISM AND TRAGIC LUCIDITY

Nicole Semkiv de Andrade Caetano¹
Marcos Beccari²

RESUMO: Este artigo examina as reflexões sobre vida e morte no episódio *The View from Halfway Down* da série *BoJack Horseman* (Netflix). A proposta do episódio permite uma análise comparativa entre os ideais postulados pelos personagens e o vislumbre de uma afirmação trágica da finitude. O estudo demonstra como o subtexto da obra estabelece uma passagem entre os mecanismos para lidar com o medo da morte e a alternativa trágica para além do niilismo e da redenção heroica.

PALAVRAS-CHAVE: BoJack Horseman; Heroísmo; Filosofia Trágica.

ABSTRACT: This article examines reflections on life and death in the episode *The View from Halfway Down* from the series *BoJack Horseman* (Netflix). The episode's premise allows for a comparative analysis between the ideals posited by the characters and the glimpse of a tragic acknowledgment of finiteness. The study demonstrates how the subtext of the work establishes a dialogue between the human mechanism for coping with the fear of death and the tragic alternative beyond nihilism and heroic redemption.

KEYWORDS: BoJack Horseman; Heroism; Tragic Philosophy.



10.23925/2176-4174.35.2025e72667

Recebido em: 23/07/25.

Aprovado em: 11/08/25.

Publicado em: 11/08/25.

¹ Graduanda em Design Gráfico (UFPR). Universidade Federal do Paraná. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3130-3503> Email: nicolesemkiv@gmail.com

² Doutor em Filosofia da Educação (USP). Universidade Federal do Paraná. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2178-097X> Email: contato@marcosbeccari.com

Introdução

“*BoJack Horseman*” é uma animação adulta original da Netflix (2014) criada por Raphael Bob-Waksberg. A narrativa acompanha, como diz o título da série, BoJack Horseman, um ator esquecido dos anos 1990 e sua vida na indústria do entretenimento depois de seus melhores anos. Raúl Sánchez Saura (2023) categoriza o conteúdo da série como parte das produções culturais cujo ideal crítico é corolário ao contexto sócio-político pós-2008 e, dentre as mídias produzidas a fim de incorporar a sociedade pós-moderna e ao mesmo tempo criticá-la, a animação foi, segundo o autor, uma das ferramentas que melhor cumpriu esse papel.

Alguns pontos específicos do enredo da série fazem com que ela leve a cabo tal função crítica, com a sátira geopolítica e reflexão filosófica, o que firma uma base para um conteúdo de grande complexidade a ser analisado. Portanto, este artigo se debruça sobre a proposta filosófica da série, particularmente a do episódio “*The View from Halfway Down*”, onde o delírio onírico de BoJack põe em relevo a tensão entre a negação da morte e a afirmação trágica da finitude, culminando num confronto explícito com a impossibilidade de transcendência. Recorremos às leituras de Nietzsche, Clément Rosset e David Foster Wallace para mostrar que a série aponta, sob uma superfície sombria, para certa ética da lucidez, no sentido de encarar a existência em toda a sua precariedade, sem recorrer a consolos metafísicos. Conclui-se que *BoJack Horseman* oferece uma rara síntese pop-filosófica capaz de iluminar dilemas existenciais contemporâneos, sugerindo caminhos estéticos para superar o esvaziamento de sentido típico da pós-modernidade.

O viés existencial espargido por reflexões do protagonista perante suas questões diárias se faz presente na grande maioria dos episódios³. O espectador acompanha a vida de um personagem quebrado: BoJack é um cavalo que sofre de uma depressão severa e abusa de substâncias numa tentativa de lidar com o peso da sua realidade. É a vida de alguém que existe para suprir seu ego, seja através de relacionamentos, fama, trabalho ou drogas, embora nada pareça suficiente para

³ O episódio 5 da temporada 3 (*Love And/Or Marriage*, 2018), em 20:45, é um bom exemplo da reflexão existencial proposta pela série, quando BoJack confronta uma jovem que está com dúvidas sobre prosseguir seu casamento: “Conforme-se. Caso contrário, só vai ficar mais velha, amarga e solitária. Vai fazer o que puder para preencher esse vazio com amigos, carreira, sexo sem sentido, mas o vazio continua lá. Um dia vai olhar ao redor e perceber que todos te amam, mas ninguém gosta de você. Esse é o sentimento mais solitário do mundo.”

remediar sua culpa e preencher seu vazio existencial. O ápice da carreira de BoJack nos anos 1990 ecoa no decorrer dos anos subsequentes de sua vida, resultando em tentativas de atingir o seu auge novamente. Seja na escrita de sua autobiografia ou na busca por um prêmio renomado na indústria cinematográfica, o protagonista nunca deixa de correr atrás de uma maneira de ser lembrado e provar o seu valor.

Figura 1 - Cena do episódio “The View from Halfway Down”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt11028174/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

As ambições propostas na construção do personagem de BoJack parecem apontar para o que Ernest Becker (1973, p. 15-18) denomina “heroísmo cósmico”, que seria o anseio por uma vida heroica como o problema central da vida humana, uma tentativa de suprir o desejo humano pela excepcionalidade cósmica. Entretanto, o cavalo descobre em cada tentativa que não consegue alcançar o júbilo do heroísmo cósmico, apenas uma satisfação efêmera; e daí parte a proposta filosófica da animação.

O niilismo, enquanto desejo de negar a vida em nome de um além, aparece em Nietzsche (1983) como pressuposto de toda metafísica (que viria justamente a dissolvê-lo). Tal ideal transparece no personagem de BoJack, que expõe uma perspectiva de vida niilista corroborada por seu histórico de abusos, como negligências sofridas durante a infância. Seu comportamento autodestrutivo faz transparecer que seus valores já foram estraçalhados e que tudo em sua vida é vazio e sem sentido. Mesmo com a proposta sombria da série, o apelo narrativo do personagem ocorre por determinados eventos que demonstram que BoJack ainda

possui vestígios de complacência e que ainda existe possibilidade de redenção, como no episódio “*Fish out of water*” (temporada 3, episódio 4), um episódio atípico da série, uma vez que, nele, não ocorre nenhum diálogo. Aqui, a audiência acompanha BoJack em uma missão para ajudar uma criança perdida a encontrar seu pai enquanto está em um ambiente que não consegue se comunicar com ninguém. É um dos únicos momentos da série em que o cavalo faz algo apenas por ser “a coisa certa a se fazer”, o que contradiz a premissa niilista de perda de valores morais que o personagem constantemente reitera.

Figura 2 - Cena do episódio “Fish out of water”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2016. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt5218434/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

Eis um dos pontos que diferencia *BoJack Horseman* de outras animações adultas. Retomando Raúl Sánchez Saura (2023), para além do criticismo que se contrapõe à atmosfera pós-moderna, a série oferece alternativas criativas de como superá-las. É possível analisar tais alternativas através de uma lente antiniilista e, nesse ínterim, Rogério de Almeida (2015) apresenta duas propostas para a prática do antiniilismo. A primeira parte da retomada de valores perdidos, uma forma de negação do niilismo, o que é visível na série ao longo das tentativas de BoJack em se redimir. A segunda alternativa consiste na superação do niilismo através da filosofia trágica, onde ocorre a afirmação da vida por sua totalidade, um dizer sim sem reservas; um discurso que somente se insinua na conclusão da obra.

Em linhas gerais, o saber trágico é, de acordo com Clément Rosset (1989), aquele de que partilha todo indivíduo ao tomar conhecimento de sua finitude, no contato com a casualidade e os elementos caóticos da existência. Para tal filósofo nietzschiano, esse saber silencioso se constituiria como um patrimônio comum a todos que se deparam, a cada momento, com os infortúnios inevitáveis da vida e, no limite, com sua condição mortal.

A seguir, é esboçada uma análise filosófica em torno de um diálogo ocorrido durante o penúltimo episódio da última temporada da série, intitulado “*The View From Halfway Down*”. A conversa dos personagens expõe uma disparidade de ideais de vida e morte que permite uma análise comparativa entre a solução heroica e a abertura para alternativas antiniilistas ancoradas na filosofia trágica. Após expor essa relação, pela qual o humano busca formas de lidar com a inevitável morte do corpo, discute-se a opção proposta ao protagonista no subtexto do enredo, apontando o impasse de BoJack entre a redenção heroica e a alternativa trágica e demonstrando como o subtexto narrativo do episódio em vista se inclina para a filosofia trágica.

O ímpeto heroico contra a afirmação trágica

O desenvolver da série foi muito bem recebido pela crítica especializada⁴, e o apelo que *BoJack Horseman* traz à audiência pode ser atribuído, majoritariamente, à sua abordagem introspectiva de um dos dilemas centrais da humanidade: a incessante busca por um propósito. Busca esta que, quando articulada à finitude, tende a se manifestar como um desejo existencial, conforme sintetiza Terry Eagleton:

A morte é um elo entre o estranho e o íntimo, entre poderosas forças determinantes e os recessos secretos da subjetividade. Como o desejo com o qual ela está tão intimamente associada, ela é, ao mesmo tempo, inalienavelmente minha e absolutamente impessoal, valor existencial e fato rotineiro, aquilo que surge das profundezas do meu ser e, ainda assim, pretende aniquilá-lo (Eagleton, 2013, p. 176).

Seria ocioso para os propósitos deste artigo detalhar, ao longo da história ocidental, a complexa interação entre crenças, a busca humana por significado e a persistência do desejo de superar a finitude. Em *O homem perante a morte*, Philippe Ariès (2000) se debruçou sobre tais transformações, identificando a passagem, no final da Idade Média e início da Renascença, de uma familiaridade ancestral e coletiva

⁴ IMDB: 8,8/10 (n.d.); Rotten Tomatoes: 93% de aprovação (n.d.). Consultado em 24 jul. 2025.

para uma individualização da morte. O historiador também argumenta que essa estranha conjunção entre, de um lado, a preparação para a morte e ascese mundana e, de outro, a angústia cristã mediante os desígnios divinos teria culminado na separação gradual entre a salvação da alma e a glória terrestre, tornando a morte algo a ser banido e escamoteado na vida cotidiana. Desse panorama emerge uma questão pertinente: como o impulso de negar a morte e a possibilidade de aceitá-la tragicamente perfazem modos distintos de elaborar sentido diante da finitude?

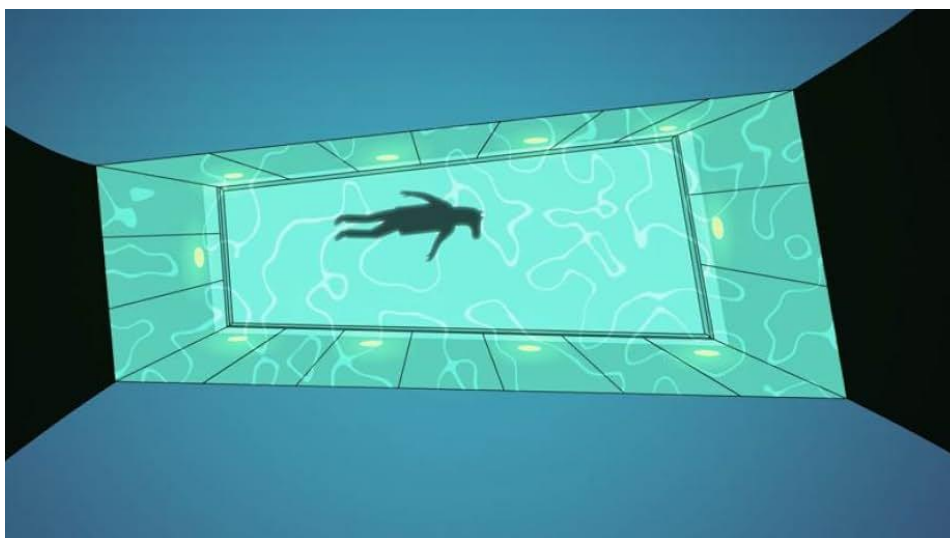
Em *A negação da morte* (1973), Becker encara a questão da finitude como núcleo estruturante da psique humana. Para o autor, a consciência da morte é insuportável para o indivíduo, pois confronta diretamente seu impulso narcísico de permanência e centralidade. O humano, dotado de autoconsciência e capaz de simbolização, existiria simultaneamente como um "deus interior" e como um "cadáver em potência", nos termos do autor. Essa tensão entre a grandiosidade imaginária e a fragilidade corpórea levaria o indivíduo a recorrer a sistemas simbólicos — religiões, ideologias, conquistas pessoais — como formas de negar, reprimir ou sublimar a morte. Tais "projetos de imortalidade", como os denomina Becker, operam como defesas contra o absurdo da existência finita, convertendo o medo da morte em sentido de vida. O problema, contudo, reside no fato de que essas defesas são parciais, precárias e, em última instância, ilusórias, podendo perpetuar dinâmicas de violência, exclusão e autoengano.

Em contraste com essa postura negadora, a filosofia trágica propõe uma convivência mais lúcida e afirmativa com os limites da existência. Em autores como Montaigne (VAZ, 2011), Nietzsche (1983) ou Clément Rosset (1989), a finitude não é um problema a ser neutralizado, mas uma condição a ser assumida como base imanente da existência e da criação de sentido. A aceitação da morte, nesse contexto, não implica resignação, e sim um deslocamento ético: viver torna-se uma afirmação da existência em sua transitoriedade, sem apelo a garantias transcendentais. A morte, longe de ser um ponto cego ou um fardo a ser vencido, é o que confere densidade ao viver. Diferentemente do que diagnostica Becker, portanto, em relação ao homem moderno — alienado em seus projetos de imortalidade simbólica —, a atitude trágica reconhece a impossibilidade de uma justificativa última, buscando, em vez disso, uma ética da lucidez e da afirmação. No lugar de negar a finitude, o *ethos* trágico a acolhe como motor vital da experiência humana.

A tensão entre a negação da morte e sua afirmação trágica encontra expressão profícua na literatura. Em *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói (1886), o protagonista é tomado por um terror crescente diante da morte, uma vez que sua vida foi pautada por convenções sociais que prometiam segurança e sentido, mas se revelam vazias diante da finitude real. A experiência do morrer, para Ivan, é profundamente solitária, pois desmantela o autoengano de uma vida vivida em função do olhar alheio. De modo semelhante, em *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger (1951), a angústia latente de Holden Caulfield revela uma percepção difusa da morte — não como um evento terminal, mas como uma presença constante que perpassa os ritos de passagem, o fracasso das instituições e a perda da inocência. Ambos os casos ilustram, de formas distintas, a precariedade dos mecanismos simbólicos de negação e a emergência de uma sensibilidade trágica, mesmo quando esta não é plenamente assimilada e elaborada.

Essa oscilação entre a recusa e o confronto com a morte é encenada de forma particularmente aguda no episódio “*The View from Halfway Down*” da série *BoJack Horseman*. Nele, BoJack encontra-se em uma espécie de limbo, no qual se depara com figuras do seu passado que, como ele, já cruzaram o limiar da morte. Ao longo do episódio, os diálogos giram em torno daquilo que resta não dito, das escolhas que pareciam inofensivas e se revelaram fatais, e da impossibilidade de reverter o que foi feito.

Figura 3 - Cena do episódio “The View from Halfway Down”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt11028174/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

Sacrifício, heroísmo e redenção na mesa do jantar

O episódio narra um delírio onírico criado pelo inconsciente de BoJack, que está em coma e prestes a morrer. O protagonista mergulha em um sonho que já teve anteriormente, em que participa de um jantar com amigos e parentes que já estão mortos e intervieram de forma significativa na vida de BoJack. Os convidados principais são Beatrice Horseman, Sarah Lynn, CrackerJack, Herb Kazzaz e Secretariat. Juntando-se à mesa, os personagens discutem sobre o melhor e pior momento de suas vidas. É importante estabelecer algum recorte específico para a interpretação de valores dos personagens. Na esteira de Clifford Geertz (2000), o relativismo cultural pode ser definido como a diversidade de crenças e costumes que se dispersa pelo globo terrestre. Essa disparidade pode compreender culinária, música, moda, regras, comportamentos ou valores, sendo herdados de regiões e gerações. Quando Ernest Becker (1976, p. 18) trata de relativismo cultural, o aponta como a heterogeneidade dos sistemas heroicos em diferentes contextos. Mas a dramatização dos seres heroicos concede, em todo caso, papéis que criam uma hierarquização de atividades heroicas, havendo o “alto” heroísmo, com pessoas que alcançam grande reconhecimento por seus feitos, e o “baixo” heroísmo, que consiste no tipo de heroísmo alcançável pela maioria das pessoas, como um trabalhador que provê o sustento de sua família. O diálogo do episódio compõe a opinião e interpretação de pessoas que atingiram o “alto” heroísmo durante sua vida; a mesa é composta por nomes relevantes que deixaram uma marca na humanidade e isso ressoa em seus valores de diferentes maneiras.

Figura 4 - Cena do episódio “The View from Halfway Down”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt11028174/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

O cavalo CrackerJack foi um soldado americano que lutou e morreu na guerra do Vietnã. Ao ser questionado sobre o “melhor momento” de sua vida, o personagem diz que foi quando se alistou para defender seu país. Nas situações em que o heroísmo pode ser retratado, o patriotismo exemplifica uma devoção inerente na busca pelo heroico. Ao colocar o dever para com a nação como o centro de sua vida, CrackerJack reafirma a necessidade do indivíduo de identificar-se e contribuir com algo externo a si mesmo, o que, segundo Becker (1976, p. 19), é a busca humana pelo sentido básico de heroísmo, o sentimento geral de liberdade, compromisso e dignidade. Embora o personagem também pondere que o alistamento viabilizou as piores parte de sua vida — despedir-se de sua mãe, ver seu general ser morto e, na sequência, morrer —, sua morte pode ser classificada como alto heroísmo por se tratar de um sacrifício feito em nome de uma nação, um sacrifício que o martirizou.

É isso que eu não entendo. Quando valorizamos os ideais de sacrifício, perda, sofrimento... Crescendo num lar que valoriza essas coisas, internalizamos a ideia de que ser feliz é um ato egoísta, mas sacrifício não vale nada (*The View from Halfway Down*, 2020, 05:32).

O comentário foi feito por BoJack em resposta ao relato do momento de CrackerJack, argumentando que o louvor ao sacrifício incondicional justifica o discurso de que optar pela autopreservação e felicidade é um ato de egoísmo. É o terror do indivíduo em admitir que está fazendo algo apenas para obter autoestima, como argumentou Becker (1976, p. 20).

Contestando a visão de BoJack sobre o valor do sacrifício, Sarah Lynn apresenta uma perspectiva afirmativa do ato. A trajetória de sua carreira foi orientada para o consumo da indústria de entretenimento desde sua infância, sua existência foi integralmente convertida à mercadoria e, desde sempre, a personagem foi submetida a uma cultura de exploração caracterizada pela pressão midiática e exposição sensacionalista, o que culminou em uma morte prematura por overdose. Assim, sua vida foi sacrificada pela indústria e, apesar de todos os abusos enfrentados, Sarah Lynn atribui um valor metafísico ao próprio sofrimento, enxergando-o como o preço necessário para a imortalidade artística e internalizando a lógica de que o sacrifício é indissociável da glória. Ao ser indagada sobre o seu pior momento, a personagem menciona uma de suas *tours* como cantora, quando seu produtor divulgou imagens íntimas para atrair um público maior em seus shows e aumentar sua agenda. Apesar do estresse excepcional consequente, Sarah Lynn reitera que o sofrimento foi compensado, dado que a artista entregou a seus fãs o “show da vida deles”. Sendo a obra uma tentativa do artista de justificar seu heroísmo de forma objetiva (BECKER, 1973, p. 172), a personagem insiste que seu sacrifício “tem que ter valido a pena”, pois, embora sua vida tenha sido usurpada pela indústria de entretenimento, seu legado póstumo seria sua redenção.

Figura 5 - Cena do episódio “The View from Halfway Down”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt11028174/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

Uma redenção em suspenso e o vislumbre trágico

A trajetória de BoJack Horseman expõe de maneira paradigmática o conceito de herói apresentado por Ernest Becker e a relação inerente que existe entre o narcisismo e o heroico.

Mas o homem não é apenas uma gota cega de protoplasma errante, mas uma criatura com nome e que vive em um mundo de símbolos e sonhos, não é apenas matéria. Seu sentido de amor-próprio se constitui mediante símbolos, seu tão prezado narcisismo se alimenta de símbolos, de uma ideia abstrata de seu próprio valor, uma ideia composta de sons, palavras e imagens, perceptível no ar, na mente, por escrito. E isso significa a ânsia natural do homem pela atividade de seu organismo, seu prazer em incorporar e expandir-se podem ser alimentados ilimitadamente no terreno dos símbolos e, com isso, passar a imortalidade (Becker, 1973, p. 17).

Como tentativa de transcender sua condição finita, o humano persegue projetos heroicos para alimentar seu “amor-próprio mediado por signos”. BoJack personifica essa dinâmica através de sua carreira artística, buscando na fama o sentimento básico de valorização de si mesmo. Não obstante, cada grande marco em sua carreira — o sucesso de *Horsin’ Around*, a escrita de sua autobiografia, sua atuação em *Secretariat* — revela a BoJack o caráter ilusório do heroísmo baseado na fama, dado que, em cada qual, o personagem apenas atinge um contentamento efêmero por seus feitos. O mais próximo que BoJack esteve de alcançar uma satisfação heroica teria sido quando ficou sóbrio, afastou-se da carreira de ator e assumiu um cargo de professor de teatro em uma universidade⁵.

⁵ Questão abordada no decorrer da sexta temporada (2020).

Figura 6 - Cena do episódio “The View from Halfway Down”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt11028174/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

Na mesa de jantar, o cavalo também é interrogado sobre seu melhor momento e, longe de suas conquistas sob holofotes, BoJack cita um episódio em sala de aula, quando auxiliou um aluno que estava com dificuldade em um exercício. Beatrice, sua mãe, ridiculariza o fato de o melhor momento da vida de BoJack ter sido algo tão trivial, e essa reação expõe o disparate geracional entre duas concepções de heroísmo. Beatrice era criança quando seu irmão, CrackerJack, morreu na guerra; foi ela quem vivenciou as consequências de sua morte e o impacto psicológico causado em sua mãe⁶. Durante o jantar, a personagem encara a morte de seu irmão como o tipo de “sacrifício maior”, a forma mais nobre de deixar o mundo, um “alto” heroísmo, como mencionado anteriormente. BoJack, todavia, atribuiu o melhor momento de sua vida a um ato tardio de “baixo” heroísmo. Essa escolha de BoJack remete ao argumento central de David Foster Wallace (2005), que postula, em *This is water*, que aquilo que está constantemente presente em nossa experiência diária pode ser tão onipresente que se torna invisível e, portanto, difícil de reconhecer ou questionar. A liberdade real, segundo o autor, está em escolher como ver e interpretar o cotidiano e em treinar nossa capacidade de estar presente no mundano; assim, Wallace propõe redirecionar

⁶ Questão abordada no episódio 2 da temporada 4: *The Old Sugarman Place* (2017).

o foco para fora do próprio ego, prática levada a cabo por BoJack quando afastou-se de sua vida excêntrica em Los Angeles.

Figura 7 - Cena do episódio “The View from Halfway Down”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt11028174/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

Para além da resposta de BoJack acerca da melhor parte de sua vida, o pensamento de Wallace ressurgiu no segundo ato do episódio, assumindo um caráter trágico que confronta as concepções do protagonista acerca da vida e da morte. O segundo ato acontece depois do jantar, quando os personagens anunciam que irá ocorrer um espetáculo no cômodo ao lado. Tendo em vista que o delírio vivenciado por BoJack, em estado de coma, apresenta-se como um sonho recorrente, até o término do jantar os eventos transcorreram conforme o esperado. No entanto, em todas as ocasiões anteriores o cavalo despertava antes do início da performance anunciada. Desta vez, entretanto, BoJack experiencia pela primeira vez a continuidade do sonho, assistindo ao espetáculo que se segue; espetáculo este que presta uma espécie de tributo a BoJack Horseman. A proposta do show é que cada personagem preste uma homenagem a BoJack.

Figura 8 - Cena do episódio “The View from Halfway Down”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt11028174/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

Convém aqui mencionar que, ao tratar sobre o antiniilismo de inclinação trágica, Rogério de Almeida (2015) recorre à noção da “alegria de existir” proposta por Clément Rosset (1989, p. 8), a qual se expressa como um saber dionisíaco de festejar ante a morte. No contexto narrativo, cada convidado apresenta um número em homenagem a BoJack e, em sequência, desaparece ao atravessar uma porta que conduz a um vazio. Por ser sua primeira experiência com o espetáculo, BoJack se mostra desconfortável e confuso com o ritual. Somente mais tarde o cavalo compreende que o vão simbolizava a morte de cada um e que o último número deveria ser desempenhado por ele próprio. A celebração em sua homenagem era uma forma, portanto, de encaminhá-lo para seu encontro com o derradeiro fim.

O número mais marcante do episódio é apresentado por Secretariat; um cavalo de corrida mundialmente famoso nos anos 1970 e herói pessoal de BoJack durante sua infância⁷. O personagem já foi reconhecido como o cavalo mais rápido do mundo; todavia, em 1972 ele fora banido permanentemente de participar de corridas por ter se envolvido com apostas ilegais do esporte, o que o levou ao suicídio. Secretariat apresenta um poema homônimo ao título do episódio. Ainda durante o jantar, o personagem afirmou que o melhor momento de sua vida foi quando pulou de uma ponte, causando sua morte, e complementou dizendo que a vista de lá era

⁷ Questão abordada no início do episódio 12 da temporada 1: *Later* (2014).

inacreditável. O poema *“The view from Halfway Down”* descreve sua queda e o remorso imediato durante o ato. A metáfora do salto — o momento congelado de quem cai e, a meio caminho, percebe que não quer mais morrer — explicita com contundência o arrependimento tardio e o autoengano em relação à finitude humana. A princípio, pois, o episódio dramatiza com clareza a tese de Becker: a vida de BoJack é uma contínua tentativa de negar sua finitude por meio da fama, do vício, do narcisismo e da racionalização. Contudo, o ponto mais comovente do episódio é justamente a falência desses dispositivos. A consciência da morte, naquele ponto de suspensão entre o salto e o impacto, não oferece consolo nem transcendência, apenas lucidez.

É precisamente nesse momento — quando já não há mais lugar para ilusões — que algo da ordem da filosofia trágica se insinua. Ainda que não haja redenção plena, o episódio permite vislumbrar um tipo de sabedoria amarga: não aquela que promete salvação, mas a que nasce do reconhecimento radical daquilo que se perdeu e daquilo que, ainda assim, permanece. A morte não é derrotada, tampouco glorificada; ela se impõe em sua inevitabilidade. Nesse sentido, a série dá forma estética ao dilema existencial mapeado por Becker, ao mesmo tempo em que aponta para uma possibilidade trágica de acolher o fim: sem justificativas, sem garantias, mas com a coragem de não desviar o olhar. Trata-se de uma representação da finitude que se opõe ao heroísmo moderno, propondo uma ética da lucidez diante do irreversível.

Figura 9 - Cena do episódio *“The View from Halfway Down”*, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt11028174/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

O apresentador do espetáculo é Herb Kazzaz, outrora melhor amigo de BoJack durante sua juventude. Sua amizade foi interrompida quando Herb, após ter sua homossexualidade exposta publicamente, foi demitido do programa *Horsin Around*, sendo que BoJack tinha a chance de impedir isso, mas não o fez por benefício próprio. Apesar de terem terminado em maus termos⁸, o inconsciente de BoJack o retrata como uma figura serena e amigável no decorrer de todo o sonho. Durante o jantar, Herb é o único personagem que demonstra contentamento genuíno com suas ações em vida, afirmando ter morrido em paz, mesmo tendo passado seus últimos anos lutando contra um câncer terminal. O confronto direto de BoJack com o trágico se consolida no diálogo final entre os dois. Quando é a vez de BoJack performar, o personagem sobe ao palco, caminha até a porta e encara o vazio do outro lado:

BOJACK: É assustador?

HERB: Não, eu acho que não. É como tem que ser. Tudo precisa chegar a um fim. A goteira finalmente para.

BOJACK: Te vejo do outro lado.

HERB: Ah, BoJack. Não tem outro lado. É só isso.

(*The View from Halfway Down*, 2020, 22:38)

Tanto durante o jantar quanto na conversa final com BoJack, Herb sinaliza uma perspectiva trágica, aceitando a inevitabilidade do sofrimento e da ausência de sentido. Ao declarar “É só isso”, o personagem abraça o caráter trágico de contemplação do mundo como único existente e propõe a BoJack a alternativa trágica como interpretação da realidade. O cavalo não demonstra aceitação, mas sim medo, e tenta despertar do sonho para escapar da situação. Mas, ao fazer isso, o vão que estava na porta começa a persegui-lo: uma metáfora para a fatalidade da morte e a impossibilidade de evasão. A cena sintetiza a relação conflituosa de BoJack com sua própria finitude, questão que permeia todo o episódio, desde suas contestações heroicas até seu confronto direto com a possibilidade de morrer.

⁸ Questão abordada no episódio 8 da temporada 1: *The Telescope* (2014).

Figura 10 - Cena do episódio “The View from Halfway Down”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt11028174/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

Considerações finais: ética da lucidez diante do fim

BoJack Horseman apresenta um teor sombrio em grande parte de sua narrativa porque explora explicitamente temas como transtornos psicológicos, práticas de abuso e a morte. Contudo, por mais que a trama literal do enredo possa sugerir uma mensagem pessimista, o subtexto da série revela uma camada mais complexa de reflexão existencial.

No lugar de compreender o trágico associando-o à resignação ou à dissolução da dor e do sofrimento em virtude de alguma ideia redentora, Gilles Deleuze (2018, p. 57) enfatizou a tese de que ele reside sobretudo na alegria proporcionada pela constatação da impossibilidade de escape ou redenção perante a morte. Essa afirmação de um trágico alegre, aparentemente contraditória, se aproxima de um raro comentário que Fernando Pessoa (2005, p. 542-543) registrou sobre Nietzsche, em quem reconhece que sua “alegria é mais profunda que a dor [...]”. Como todos os pensamentos culminantes e fecundos dos grandes mestres, isto não significa coisa nenhuma. É por isso que teve tão grande ação nos espíritos: só no vácuo total se pode pôr absolutamente tudo”. A constatação de que o sofrimento e a dor são elementos da vida, e que convivem lado a lado com a alegria, é própria de um saber trágico que ultrapassa toda metafísica que, por sua vez, persiste com o intuito de

justificar a finitude pela promessa de um além. Em vez de promover resignação perante as adversidades da vida, o saber trágico possui, ao contrário, uma dimensão afirmativa e irrestrita ao aprovar a existência em toda sua contraditória inexorabilidade, com todos os seus meandros e fatalidades.

Figura 11 - Cena do episódio “Nice While It Lasted”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: < <https://www.imdb.com/pt/title/tt11028176/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

Mesmo quando BoJack se recusa a confrontar sua mortalidade, o cavalo se depara constantemente com questões trágicas que desafiam sua visão niilista. Essa dinâmica se consolida no último episódio da série — episódio subsequente a *The view from Halfway Down* —, em um diálogo entre BoJack e sua antiga amiga Diane, evento este que se passa mais de um ano após o ocorrido no sonho:

BOJACK: A vida é uma merda, e aí você morre, não é?

DIANE: Às vezes. Às vezes a vida é uma merda, e você continua vivendo.

(*Nice While It Lasted*, 2020, 24:25)

Figura 12 - Cena do episódio “Nice While It Lasted”, da série *BoJack Horseman*.



Fonte: IMDb, 2020. Disponível em: < <https://www.imdb.com/pt/title/tt11028176/mediaindex/>>. Acesso em 24 jul. 2025.

Diane não nega o sofrimento inerente à existência, mas rejeita a conclusão reducionista de BoJack. Embora *BoJack Horseman* mergulhe nas trevas da condição humana, não as reduz a um niilismo estéril, convidando o espectador a interpretar a morte e o sofrimento não como respostas, mas como pontos de partida para interrogar como se lida com a morte, e como se poderia lidar de outro modo. Trata-se, retomando David Foster Wallace, de ser capaz de escolher aquilo em que prestamos atenção e como interpretamos o mundo. A morte nos lembra, afinal, de que não se pode escolher o próprio fim, mas é possível interpretá-lo de muitos modos. O episódio de *BoJack Horseman* ora analisado não abre, enfim, a perspectiva redentora de uma superação da morte, mas aponta, ainda que de maneira absurda (ou, propriamente, trágica), para um profundo questionamento sobre o modo pelo qual se vive e se interpreta a própria vida em sua inapelável finitude.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rogério de. A exuberância do artifício: aspectos do barroco revividos na contemporaneidade. **Revista de Estudos de Cultura**, n. 03, p. 142-158, set./dez. 2015.

ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte I**. Lisboa: Biblioteca Universitária / Europa-América, 2000.

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento e Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1973, p. 9-25.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

EAGLETON, Terry. **Doce violência**: a ideia do trágico. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2000.

IMDb. (2020). *BoJack Horseman* (2014–2020). Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt3398228/>. Acesso em 25 jun. 2025.

MENESES, Paulo. Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. **Revista de Gestão e Políticas Públicas**, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2020. DOI: 10.11606/rgpp.v10i1.183491.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PESSOA, Fernando. **Obra em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

ROSSET, Clément. **A lógica do Pior: elementos para uma filosofia trágica**. Trad. de Fernando J. F. Ribeiro e Ivana Bentes. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

Rotten Tomatoes. (2020). *BoJack Horseman*. Fandango. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/tv/bojack_horseman. Acesso em 25 jun. 2025

SAURA, R. S. (2023). *BoJack Horseman*, or the exhaustion of postmodernism and the envisioning of a creative way out. **Journal of Media and Cultural Studies**, 15(2), 45-60. <https://doi.org/10.3846/cs.2019.10845>

VAZ, Lúcio. **A simulação da morte: versão e aversão em Montaigne**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

WALLACE, David Foster. **This Is Water**. 2005. Disponível em: <https://fs.blog/david-foster-wallace-this-is-water/>.. Acesso em: 12 mai. 2025.